

A PROPÓSITO DA RELAÇÃO ENTRE EPISTEMOLOGIA E ÉTICA*

José Carlos ROTHEN

Mestrando em Filosofia - PUCAMP

RESUMO

O presente trabalho sugere que as possíveis conseqüências derivadas de determinados modelos epistemológicos possam ser levadas em consideração na avaliação desses mesmos modelos epistemológicos. Para isso, analisa a crítica de Popper a Marx, crítica cujo fundamento repousa no argumento segundo o qual conseqüências éticas indesejáveis, como o historicismo e a pregação da violência pelo marxismo, podem conduzir à recusa do modelo epistemológico em que o marxismo se baseia.

RÉSUMÉ

Cet essai suggère que les possibles conséquences éthiques dérivées de certains modèles épistémologiques peuvent être prises en considération dans l'évaluation de ces mêmes modèles épistémologiques. Pour atteindre ce but, il analyse la critique de Popper à Marx fondée sur l'argument selon le quel des conséquences indésirables, comme l'historicisme e la défense marxiste de la violence, peuvent conduire à récuser le modèle épistémologique sur lequel se fonde le marxisme.

O presente trabalho envolve a discussão dos motivos para a recusa dos discursos pró-violência. O ponto principal consiste na análise da possibilidade da recusa de um modelo

(*) Este trabalho consiste na reconstituição dos principais argumentos da dissertação de mestrado: "A Relação Entre Epistemologia e Ética: Estudo dos Argumentos de Karl Popper Contra o Marxismo", apresentada ao Programa de Mestrado em Filosofia da Puccamp sob a orientação do Prof. Dr. Luis Alberto Peluso.

epistemológico a partir das suas conseqüências éticas. Para tanto são exploradas as seguintes questões: quais as implicações da adoção de um modelo epistemológico para a construção de um modelo ético? Qual a influência de um modelo epistemológico sobre a atividade política? Pode-se repudiar um modelo epistemológico por suas conseqüências ético-políticas?

Este texto pretende contribuir para o avanço da discussão das questões acima, analisando uma das suas possíveis respostas, que se encontra implícita na crítica de Karl Popper a Marx. O argumento principal é de que conseqüências éticas que se seguem a adoção de um modelo epistemológico, funcionam, dentro do pensamento popperiano, como um dos possíveis critérios de recusa de teorias relativas ao método nas Ciências Sociais. Com o intuito de discutir esse ponto da obra de Popper, é reportada a crítica popperiana à Marx e aos marxistas.

Não se pretende neste texto avaliar se a leitura feita por Popper das obras de Marx é correta. Uma avaliação da leitura popperiana de Marx, além de escapar da dimensão desse trabalho se desviaria da sua questão principal.

O argumento de Popper contra o marxismo pode ser dividido em duas críticas: a epistemológica e a ética. Na primeira crítica, Popper visa mostrar a inviabilidade do marxismo por este procurar leis históricas. Na segunda crítica, o marxismo é repudiado por pregar uma atividade violenta e por propor uma ética conformista para com as leis históricas.

A discussão da relação entre epistemologia e ética é realizada, aqui, a partir das obras de Popper intituladas: "A Miséria do Historicismo" e "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos". Essas obras parecem ser complementares, pois, além de uma fazer referência a outra, e terem a primeira publicação datada de 1944, ambas tratam de um mesmo tema: a crítica ao historicismo. Em "A Miséria do Historicismo, obra escrita primeiro,¹ Popper, a partir de uma crítica epistemológica, procura mostrar ser o historicismo um método pobre.² Por sua vez, em "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos" escrita entre os anos de 38 e 43, Popper recusa o

historicismo no campo da ética³. A ligação entre essas duas obras é interpretada aqui, a partir das seguintes teses historicistas identificadas por Popper no artigo "Previsão e Profecias nas Ciências Sociais":

a) De que seria possível prever revoluções sociais da mesma maneira que é possível prever eclipses solares.

b) De que a função das Ciências Sociais como a das Ciências da Natureza, é fazer previsões incondicionais.

c) De que, diante das previsões históricas, nada podemos fazer além de "reduzir as dores do parto" do período seguinte, isto é, queiramos ou não, o capitalismo caminha inevitavelmente para uma revolução social, que levará a implantação do comunismo.⁴

As duas primeiras teses têm caráter epistemológico enquanto que a última, por tratar de uma norma para a ação, é de caráter ético. As teses epistemológicas são reconstruídas principalmente a partir dos argumentos apresentados em "A Miséria do Historicismo" e a tese ética em "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos".

Na procura de discutir as questões levantadas acima, este trabalho é dividido em duas partes. Na primeira será reconstruída a argumentação popperiana contra o marxismo, no sentido de explicitar a discussão da possibilidade de se propor a ética como um critério para recusa, ou não, de um modelo epistemológico. A partir da indicação popperiana de que o historicismo implica em uma ética indesejável, na segunda parte deste trabalho serão reconstruídas algumas posições epistemológicas que caracterizam o historicismo. Como conclusão serão remontadas algumas críticas ao argumento principal deste trabalho.

1. LEITURA DA CRÍTICA DE POPPER À MARX.

1.1 Epistemologia e Profecia.

O ponto central da crítica epistemológica de Popper ao historicismo consiste no argumento que mostra que esse modelo

das Ciências Sociais procura descrever as leis históricas privilegiando apenas um ou outro aspecto do emaranhado dos fatos sociais. Dessa maneira, os historicistas, segundo Popper, utilizam nas suas análises um pequeno número de leis e desprezam as condições iniciais. Como conseqüência desta opção epistemológica se tem que as previsões das teorias históricas podem ser de longo alcance.⁵

Segundo Popper, o historicismo fundamenta a inexorabilidade das leis históricas a partir de uma suposta analogia com as leis das Ciências Naturais. Como exemplo dessa analogia tem-se que as Ciências Sociais deveriam se preocupar com as leis da dinâmica social, da mesma maneira que as Ciências Naturais formulam leis da dinâmica dos corpos celestes. Contudo, segundo Popper, esta analogia é falha, pois nas Ciências Naturais se entende por dinâmica a mudança da posição de corpos dentro de um sistema e não a mudança estrutural dos corpos, como pretende o historicismo.⁶

A crítica popperiana à inexorabilidade das leis históricas indica que a epistemologia historicista é no mínimo problemática. Tendo em vista que a tese ética historicista é fundamentada na sua epistemologia, se pergunta: por que aceitar a epistemologia historicista se a ética decorrente dela é inaceitável? Essa questão coloca o problema de se saber se é plausível a recusa de um modelo epistemológico em decorrência de suas conseqüências éticas.

1.2 Racionalidade e Ética.

O problema da possibilidade de refutação de um modelo epistemológico, no caso específico das Ciências Sociais a partir das conseqüências éticas dele decorrentes acarreta, a seguinte dificuldade: como fundamentar uma ética que sirva de referencial para análise das conseqüências de um determinado modelo epistemológico? Esta dificuldade aponta para a questão de se saber qual o fundamento da racionalidade. Popper procura responder a esta questão na sua defesa da concepção de racionalidade crítica, que se situa entre o racionalismo não crítico e o irracionalismo, Popper afirma:

"Embora um racionalismo não-crítico e compreensivo seja logicamente insustentável, e embora um irracionalismo compreensivo seja logicamente sustentável, não é esta uma razão para que devamos adotar o último. Pois há outras atitudes sustentáveis, notadamente a do racionalismo crítico, que reconhece o fato de que a atitude racionalista fundamental se baseia numa decisão irracional, ou numa fé na razão. Em conseqüência, nossa escolha está aberta. Somos livres de escolher alguma forma de irracionalismo, mesmo alguma forma radical ou compreensiva. Mas também somos livres de escolher uma forma crítica de racionalismo, que francamente admita suas limitações e sua base numa decisão irracional (admitindo até essa extensão, certa prioridade do irracionalismo)."⁷

Devido às conseqüências sociais da escolha entre a racionalidade crítica, o irracionalismo e a racionalidade fechada, Popper ressalta que essa decisão é uma decisão ética":

A escolha que se nos defronta não é apenas um caso intelectual ou uma questão de gosto. É uma decisão moral. De fato, a questão de adotarmos uma forma de irracionalismo mas ou menos radical, ou de adotarmos aquela concessão mínima ao irracionalismo que denominei racionalismo crítico, afetará profundamente toda a nossa atitude para com os outros homens e para com os problemas da vida social."⁸

Esta fé na razão não significa que não se pode argumentar em favor dos princípios ou suposições básicas, e nem que eles não podem ser deslocados para outro ponto. O que esta interpretação da racionalidade parece implicar é que esses princípios fundamentais ou suposições básicas por não poderem ser fundamentados definitivamente pela argumentação e pela experiência, são aceitos como não problemáticos, permitindo assim o desenvolvimento do conhecimento racional.⁹ Caso contrário, a cada nova discussão racional seria necessária a interminável discussão de todos os fundamentos do conhecer, o que de certa maneira inviabilizaria a evolução do conhecimento. Popper afirma com ironia:

"Se tivéssemos que começar do ponto do qual partiu Adão não vejo motivos para achar que chegaríamos mais longe do que ele chegou."¹⁰

Esta reconstrução do argumento de Popper indica que a opção pela racionalidade crítica baseia-se na ética. Isto coloca a questão de se saber qual a fundamentação racional da própria ética. Uma das possíveis soluções para a questão seria afirmar que uma precede a outra. A tese de que a ética precede o modelo de racionalidade no sentido de que oferece a necessária garantia da moralidade de suas conseqüências, coloca a seguinte questão: como é possível afirmar um princípio ético sem utilizar uma concepção de racionalidade? A solução dessa questão talvez possa ser encontrada na sugestão de Popper expressa no artigo "As Origens do conhecimento e da ignorância":

"Penso que o que devemos fazer é abandonar a idéia das fontes últimas do conhecimento, admitindo que o conhecimento é humano - que se mescla com nossos erros, preconceitos, sonhos e esperanças, o que podemos fazer é buscar a verdade, mesmo que ela esteja fora do nosso alcance. Podemos admitir que nossa busca é muitas vezes inspirada, mas precisamos ficar em guarda contra a crença (por mais profunda que seja) de que nossa inspiração tem alguma autoridade divina ou não. Se admitirmos que em toda a província do conhecimento não há qualquer autoridade que possa escapar à crítica, por mais que tenhamos penetrado no reino do desconhecido, poderemos reter sem perigo a idéia de que a verdade esta situada além da autoridade humana. E devemos retê-la, porque sem essa idéia não pode haver padrões objetivos de investigação, crítica das nossas conjecturas, busca do desconhecido ou procura do conhecimento."¹¹

Assim se pretende indicar que no pensamento popperiano a ética não precede a racionalidade. Apesar de nenhum dos dois termos preceder o outro, há mutua relação entre a ética e a racionalidade. Por um lado a racionalidade tem como ponto de

partida uma decisão ética, por outro, a escolha dos princípios éticos se dá a luz de argumentos racionais.

A partir desta resposta provisória à questão da relação entre a racionalidade e a ética, se propõe aqui que a construção de uma ética tenha como pressuposto a afirmação de que os enunciados éticos devem estar sujeitos à crítica e à avaliação das suas conseqüências. Indica-se aqui que, na concepção popperiana, a crítica aos modelos éticos e a avaliação das suas conseqüências devem ser feitas em todas as dimensões, isto é, tanto no campo da escolha de um modelo de racionalidade, como das conseqüências psicológicas, sociais, políticas, econômicas, epistemológicas etc.

A partir da concepção popperiana de racionalidade crítica, se pode afirmar que, para Popper, a escolha de uma ética se dá à luz de argumentos racionais. Como nesta concepção de racionalidade não é possível a fundamentação última de qualquer suposição, todos os princípios éticos estão continuamente sujeitos à revisão.

1.3 Código Ético Popperiano

O argumento principal deste trabalho indica que um dos critérios utilizados por Popper na recusa da epistemologia marxista, consiste na identificação e recusa das conseqüências éticas deste modelo epistemológico. Isto é, argumenta-se aqui que Popper atribui um valor ético aos enunciados normatizadores da ação decorrentes da epistemologia marxista. A elaboração de juízos avaliativos de caráter ético, implica na aceitação de determinados princípios e pressupostos que são necessários para a validade dos referidos juízos.

A proposta ética de Popper encontra-se em diversos pontos de sua obra "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos". Parece razoável afirmar que esta opção metodológica de Popper tem duas razões: a primeira consiste na constatação de que a preocupação de Popper em "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos" é a formulação de sugestão política: a proposta de uma Sociedade Aberta. Ou seja, a discussão ética, na obra de Popper, é uma implicação da sua

proposta política. Em segundo lugar, Popper constrói a sua proposta política a partir de sua crítica às teses historicistas.

Os princípios éticos defendidos por Popper podem ser resumidos nas seguintes teses:

1) A liberdade deve ser restringida apenas na proporção necessária para garantir a mesma restrição a todos, assegurando assim, a liberdade para todos.¹²

2) A individualidade deve ser garantida e regulada pelo estado democrático, que deve intervir apenas no sentido de oferecer a todos, as mesmas oportunidades.¹³

3) O sujeito moral deve procurar agir de forma que o resultado de sua ação seja o menor sofrimento possível para todos.¹⁴

1.4 Crítica Ética

A crítica ética popperiana ao marxismo consiste em apontar duas éticas concorrentes na obra de Marx: a humanista e aquela fundamentada no relativismo moral. Segundo Popper, o humanismo ético decorre da adesão de Marx aos ideais da Revolução Francesa. Por sua vez, o relativismo moral decorre da epistemologia historicista.

Popper interpreta que o apelo ético do humanismo de Marx, foi uma das maiores idéias corretivas do seu tempo, de maneira análoga a que Kierkegaard e Lutero teriam inspirado correções nas Igrejas Cristãs. Com esta exaltação do apelo ético do marxismo, Popper procura mostrar que a preocupação ética de Marx é um dos fatores preponderantes na sua obra. Isto posto, é legítimo na reconstrução popperiana do pensamento marxista, avaliar o modelo epistemológico em que este se embasa a partir de suas conseqüências éticas.¹⁵

Segundo a reconstrução popperiana do relativismo moral de Marx em cada período histórico e em cada classe social é identificado um código ético diferente. Assim sendo, a ética é entendida como um sub-produto da história e das relações sociais.

O marxismo, segundo Popper, coerente com o conceito de luta de classes, defende que a ética do proletariado é a que conduzirá a vitória sobre a burguesia.¹⁶

O relativismo moral do marxismo, segundo Popper, se baseia em duas influências: no sociologismo e no positivismo moral. Segundo o sociologismo, os padrões morais são determinados pela sociedade. Popper contesta esta postura afirmando que os padrões sociais estão sujeitos à crítica e que, assumir ou não esses padrões é de responsabilidade dos indivíduos.

Do modelo epistemológico historicista, segundo o qual existem leis que determinam a marcha histórica, decorre o positivismo moral. Segundo o positivismo moral, a ética que deve ser seguida é a que permite o avanço da história. Ao analisar o pensamento de Hegel, Popper afirma, que para o historicismo, a lei que determina o movimento da história é a guerra. Para Hegel, a guerra entre as nações é que movimenta a história e, para Marx, é a guerra entre as classes sociais. Como cada estágio da evolução histórica é superior ao anterior e, em cada período histórico há uma ética, então o positivismo moral propõe que a ética que deve ser escolhida é a que facilita a implantação do estágio mais avançado. Para Hegel, a ética a ser escolhida é a do Estado Prussiano, e para Marx, a ética da classe vitoriosa no futuro: o proletariado. Esta postura é condenada por Popper por pregar um conformismo às forças vitoriosas da história.¹⁷

O conformismo às forças históricas, combinado com a concepção de que a guerra e a violência da classe revolucionária movimentam a história, segundo Popper, teriam levado à indesejável postura do marxismo diante da ascensão fascista. O conformismo histórico do marxismo inspirou a passividade diante das forças fascistas, pois essas eram consideradas o último estágio da história. Além do mais, o discurso pró-violência do marxismo serviu como justificativa para os fascistas utilizarem a violência.

Popper identifica duas possíveis conciliações entre o humanismo e o relativismo moral no pensamento marxista: a crítica à Razão Utopica e o Otimismo Teleológico. A crítica marxista à Razão Utopica aponta na direção da impossibilidade de se ter o

planejamento racional da sociedade. O otimismo teleológico afirma que a história caminha inevitavelmente para um mundo melhor. Essas duas possíveis conciliações são baseadas, segundo Popper, na concepção de racionalidade fechada.

Popper considera a racionalidade fechada logicamente inconsistente, pois esta ao postular a auto-justificação induz um processo de regressão infinita.¹⁸ Tendo como ponto de partida a concepção de racionalidade aberta, na qual se entende que o sujeito do conhecimento impõe uma organização racional ao emaranhado dos fatos históricos, Popper afirma que não há coisa alguma que garanta que o futuro será melhor.

Portanto, Popper sugere que se deve recusar a ética decorrente da epistemologia marxista, por esta levar contraditoriamente ao conformismo às leis históricas, e pregar a violência revolucionária.

2. LEITURA DE HISTORICISTAS

Popper parece sugerir que as conseqüências éticas do marxismo e a constatação de que a epistemologia marxista é, no mínimo problemática, indicam que se deve recusar este modelo epistemológico. Portanto, a crítica popperiana a Marx sugere que, ao se interpretar a racionalidade de forma crítica, as conseqüências éticas são um dos possíveis critérios para se avaliar um modelo epistemológico. A reconstrução feita aqui, do pensamento de Popper, indica a possibilidade de avaliar um modelo epistemológico a partir das suas conseqüências éticas. Contudo, esta indicação é limitada, pois Popper contrapõe duas éticas que seriam encontradas dentro do pensamento de Marx. A partir desta constatação pergunta-se: é possível confrontar dois modelos éticos fundamentados em dois conjuntos diferentes de pressupostos? Popper parece acreditar que isto é possível. Contudo, ele parece não oferecer uma explicação satisfatória de como isto acontece. No sentido de discutir estas dificuldades será reconstruída aqui, a posição de alguns autores explicitando a relação entre epistemologia e ética.

Foram escolhidos para essa discussão: Vázquez, Kant e Comte, por esses autores procurarem afastar a discussão das questões éticas, baseados na concepção de que essas questões serão resolvidas com o desenvolvimento histórico. Esses autores são tidos como representantes de posturas historicistas consideradas tradicionalmente como contrárias: o marxismo, o liberalismo e o positivismo. Inicialmente são analisadas as teses de Vázquez sobre a violência revolucionária. Em seguida, se estuda o historicismo liberal de Kant, defendido por ele no opúsculo "Idéia de uma História de um Ponto de Vista Cosmopolita"; por último, é discutido o argumento contiano em defesa da subordinação da moral ao modelo das Ciências Positivas.

2.1 O Reino da Liberdade Futura.

Na obra a "filosofia da Praxis", Vázquez justifica a violência revolucionária por acreditar que esta leva a um mundo melhor, pois a classe revolucionária, o proletariado, ao impor a sua legalidade sobre a classe burguesa, elimina os interesses inconciliáveis da sociedade, por isso mesmo, a violência é eliminada das relações sociais. Após a revolução a violência passa a ser considerada uma questão ética. Desta maneira, no contexto da obra de Vázquez, a proposta de que as conseqüências éticas sejam levadas em consideração na avaliação de um modelo epistemológico, só tem sentido após a revolução. Esta postura é ilustrada aqui, com a crítica de Vázquez aos que defendem a concepção de que a violência é a parceira da História. Esta concepção é repudiada por Vázquez, não por pregar a atitude violenta da classe revolucionária, mas sim por entender que a violência continuará após a revolução socialista. A interpretação da violência como parceira da história se dirige contra a utopia marxista, segundo a qual, após o período revolucionário não existirão mais interesses inconciliáveis, sendo, então, a violência extinta. Vázquez descreve sua utopia:

"Relações verdadeiramente humanas - como as que já começam a se forjar sob o socialismo, nas quais o homem seja tratado efetivamente como fim e não como meio, como sujeito e não como objeto, como homem e não como coisa - não podem admitir a violência.¹⁹

Pode-se inferir desta citação que, antes da revolução socialista, a violência é regida pelas determinações históricas da luta de classes e que somente após a revolução quando o ser humano for visto como fim e não como meio, a violência será repudiada eticamente. Desta maneira, Vázquez adia a questão da recusa da violência como uma questão ética, para após a revolução, afastando assim a possibilidade da avaliação de um modelo epistemológico por suas conseqüências éticas. Na continuação de seu raciocínio, Vázquez justifica eticamente a violência revolucionária, pois essa violência, por terminar com a luta de classes, acabará com a violência. Portanto, a violência revolucionária como negadora da violência é a "única violência legítima".²⁰

Esta justificativa ética da violência é fruto da fé no progresso da humanidade. Esta profissão de fé no progresso, tem duas vertentes: a fé no capitalismo e a fé na revolução. Na primeira vertente, prega-se que a modernização, que o capitalismo traz no seu bojo, levará a suprir todas as necessidades humanas.²¹ A segunda vertente, a qual Vázquez defende, prega que, após a revolução, os interesses inconciliáveis das classes sociais serão superadas, e os seres humanos poderão desenvolver todas as suas potencialidades. As duas vertentes tem em comum a defesa do uso da violência contra os setores conservadores que impedem o advento do progresso. Essas duas concepções desprezam as conseqüências éticas das suas ações, em nome de um futuro melhor. Karl Popper crítica a postura utópica de um futuro melhor, alegando que ela nega a reivindicação dos contemporâneos para que o sofrimento seja diminuído, isto é, em nome de um futuro melhor todos os sofrimentos do presente são justificados.²²

Abandonar o campo ético em nome de uma utopia pode levar a algumas conseqüências indesejáveis. Assim, se historicamente as utopias se mostrarem irrealizáveis ou até indesejáveis, as vidas que foram sacrificadas objetivando a realização dessa utopia terão sido perdidas inutilmente. Vázquez poderia contra argumentar que, a afirmação de que a revolução conduzirá a um mundo melhor, é decorrente de uma previsão científica. Este possível argumento de Vázquez pode ser questionado, numa

perspectiva popperiana, por não considerar que as previsões científicas são condicionais, isto é, dependem de condições iniciais, e também por não considerar que as relações sociais são determinadas por inúmeras condições iniciais. Isto posto, se tem a impossibilidade de uma previsão das conseqüências de uma revolução, pois, ao se pretender implantar um programa de mudanças na sociedade como um todo, é necessário o controle de um número muito grande de variáveis.²³ Pode-se afirmar, numa perspectiva popperiana que, após a revolução, a violência não cessa, pois, para implantar todas as mudanças na sociedade, é necessária eliminação da crítica, o que só é possível a partir do uso da violência. Para evitar essas conseqüências indesejáveis, a posição popperiana propõe que as conseqüências éticas devem ser levadas em consideração tanto na ação política, como na reflexão sobre a história.

2.2 Idéia de uma História de um Ponto de Vista Liberal

No texto "Idéia de uma História de um Ponto de Vista Cosmopolita", Kant defende a posição de que há um Plano Secreto da Natureza, o qual através do antagonismo entre os indivíduos, conduz a um mundo cosmopolita, a onde as potencialidades humanas terão a sua plena realização. Segundo a filosofia da história de Kant, a história seria, em última instância, o efeito de um plano secreto da natureza. Apesar de os seres humanos desejarem a paz e a harmonia, segundo Kant, a natureza deseja a discórdia. A insociabilidade humana, que é efeito do Plano Secreto da Natureza, levaria os seres humanos a entrarem em conflito, e esse conflito seria o impulso, o motor para o desenvolvimento das potencialidades humanas. Nas palavras de Kant:

"O meio de que a natureza se serve para levar a cabo o desenvolvimento de todas as suas disposições naturais é o seu antagonismo dentro da sociedade, na medida em que este antagonismo acaba por se tornar a causa de uma ordenação regular dessa mesma sociedade."²⁴

Nesta resposta encontramos as três teses fundamentais sobre as quais Kant constrói a sua filosofia da história:

- a) o desenvolvimento das potencialidades da natureza é fruto de uma relação causal;
- b) a história é conduzida pela natureza;
- c) os antagonismos da sociedade são os meios usados pela natureza para conduzir a história.

Kant propõe que o conhecimento, histórico seja construído a partir de um ponto de vista, o cosmopolita. Segundo esta proposta, a reconstrução histórica deve ser feita no sentido de mostrar os sucessivos estágios históricos, que conduzem até o ponto de vista escolhido.²⁵ Esta proposta tem a vantagem de facilitar a escolha dos fatos relevantes para o estudo historiográfico.

A filosofia da história kantiana é problemática do ponto de vista ético, pois esta teoria, ao assumir que as relações humanas levarão ao pleno desenvolvimento das potencialidades humanas, pode levar ao conformismo. Pois, por que preocupar-se com a sociedade se o simples ato de cuidar dos assuntos particulares levará a sociedade ao pleno desenvolvimento? Diante da miséria, da ameaça atômica e de todas as distorções sociais, uma teoria que proponha ou implique o conformismo, não dá conta de sérias objeções de natureza ética.

A análise das conseqüências éticas aponta no sentido de mostrar que a epistemologia kantiana para a historiografia é inaceitável. Contudo, esta epistemologia é atraente por facilitar a escolha dos fatos relevantes para a reconstrução histórica. Estes dois aspectos indicam que a filosofia da história Kantiana não deve ser aceita no seu todo.

Considerando as conseqüências éticas, se tem que a filosofia da história kantiana deve ser reformulada, no sentido de afirmar a responsabilidade social dos indivíduos. Assim, em vez de se procurar construir a cadeia causa-efeito até o ponto de vista escolhido, se propõe aqui entender a história como solução de problemas que a natureza e a vida social colocam aos seres humanos; esta proposta permite a interpretação e a explicação dos acontecimentos históricos e, eticamente, invoca a responsabilidade social dos seres humanos.

A análise do texto “Idéia de uma História de um Ponto de Vista Cosmopolita”, aponta que as conseqüências éticas indesejáveis de um modelo epistemológico contribuem para a discussão epistemológica. Mesmo que um modelo epistemológico não contenha erros, o estudo das suas conseqüências éticas pode indicar que este modelo deve ser reformulado, e essas mesmas conseqüências podem mostrar quais aspectos epistemológicos precisam ser reformulados.

2.3 Catecismo Historicista de A. Comte.

Na construção do modelo Filosófico Positivista, Comte busca uma solução científica para a anarquia social do seu tempo. A partir de sua admiração pelas explicações Teológicas, Comte interpreta que a solução está no campo moral. Contudo, entende que não basta apenas que as mudanças morais ocorram na elaboração de um novo código moral, mas sim, na fundamentação científica desta nova moral. Caso contrário, corre-se o risco de entrar no campo da Metafísica, a qual por ser dissociada da prática, formula afirmações infundadas.

Para fundamentar a moral Positiva ou Científica, Comte busca, nas Ciências Naturais, principalmente na Astronomia, um novo modelo de racionalidade. Tendo em vista a interpretação de que o método da Astronomia é formular leis, Comte dedica-se a formular a lei do progresso da mente humana. Segundo esta lei as Ciências passam por três estágios: o Teológico, o Metafísico e o Positivo, sendo o último, o estágio definitivo da razão.²⁶

Estando as áreas do conhecimento que tratam sobre a Natureza, no estágio Positivo, segundo a interpretação de Comte, a humanidade se encontraria em um momento revolucionário: a Filosofia Social e a moral já teriam todas as condições de se tornarem Positivas. A revolução ou regeneração moral da sociedade moderna, teria que começar inicialmente pela regeneração do método, e depois pela regeneração da doutrina²⁷. O método que Comte propõe para ser utilizado pela Filosofia ou Física Social, e o mesmo da Astronomia. Por ela estar na fase da Hierarquia das Ciências Positivas²⁸, lhe é permitido indicar o método a todas as

outras Ciências Positivas. Segundo Comte, recusar-se a usar o método da Astronomia na Física Social, significa contrapor-se à marcha da evolução da humanidade. Portanto, o método Positivista das Ciências Sociais consiste em conhecer as leis inexoráveis da ordem e do progresso da humanidade.

Proposto o método para as Ciências Sociais. Comte propõe que as ações sejam norteadas pelas leis sociais, isto é, as ações devem se adequar às leis sociais, da mesma maneira que todos agem conforme a lei da gravidade. Assim, a prática política alcançaria sucesso, e a anarquia moral do tempo de Comte, seria substituída pela ordem, sem a humanidade deixar de continuar sua marcha de progresso.²⁹ Nesta proposta ética, os interesses individuais são desprezados em favor do amor desinteressado à humanidade.

A ética comtiana, como a sua epistemologia, tem a pretensão de ser imune à crítica, pois sendo a ética fundamentada nas leis da natureza, ela não tem o caráter de proposta, mas sim de descrição dessas leis. Portanto, dentro do modelo positivista, a ética é apenas reflexo da epistemologia, não sendo sujeita à crítica. Com a intenção de mostrar que é infundada a pretensão comtiana de construir um sistema, no qual a ética seria imune à crítica, por reflexo das leis naturais, será contraposta aqui a teoria dos três estados à definição comtiana de lei.

Segundo a definição de lei de Comte, as Ciências Positivas procuram as "relações constantes de semelhança e de sucessão que os fatos tem entre si".³⁰ Contudo, Comte oferece ao leitor apenas a descrição das principais características dos três Estados, isto é, ele não explicita o porquê ocorre a passagem de um Estado para outro.³¹ Poder-se-ia contra-argumentar que Comte não aceita a possibilidade do conhecimento das causas geradoras do movimento, mas apenas o movimento descrito. Esta possível defesa do positivismo, esbarra na sua própria definição de lei, que pressupõe a relação causal entre os fatos. Por exemplo, a Física Positiva não se preocupa em descrever o movimento de um conjunto de corpos específicos, mas sim em formular as suas relações constantes, como entre outras relações, a lei da atração dos corpos.

Comte não esconde a sua admiração pela descrição dos sistemas estacionários realizada pela Astronomia, como a do sistema solar. Da mesma maneira, procura construir a descrição da dinâmica social. Isto posto se tem que a teoria dos Três Estados de Comte fundamenta-se num erro de interpretação, isto é, ele constrói a sua teoria da dinâmica social utilizando o método usado no estudo de sistemas estacionários.³² Este erro de interpretação comtiano, indica que é inválida a pretensão de que a sua ética não é sujeita a crítica. Assim, é possível perguntar: a ética decorrente da epistemologia comtiana é aceitável?

No projeto moral comtiano, podem ser apontadas duas objeções: a negação da liberdade e o desprezo pelo indivíduo. Para Comte, a escolha da ação deve ser pautada pelo sucesso que esta alcançará, e a ação que resulta em sucesso é a que se submete às leis que regulam a marcha histórica. Os indivíduos, ao acompanharem a marcha histórica teriam a garantia de estarem agindo eticamente.³³ Esta postura, ao negar a importância da liberdade humana para o aperfeiçoamento da sociedade retira dos indivíduos a responsabilidade pelas suas ações.³⁴

Comte, ao cunhar o termo altruísmo, defende que o indivíduo deve viver em função da sociedade. Desta maneira, os interesses individuais devem estar subordinados ao coletivo. A subordinação do indivíduo ao coletivo, além de eliminar a possibilidade da liberdade individual, não incentiva a preocupação com as conseqüências que os interesses coletivos podem acarretar aos indivíduos.³⁵ Por exemplo, se for de interesse do coletivo a expansão militar de um Estado numa Ética coletivista, não deve ser considerado a dor que essa expansão acarretará aos indivíduos.

Propõe-se aqui, que a ética comtiana seja rejeitada por pregar o conformismo às leis históricas e por negar a individualidade. Como esta ética se fundamenta num modelo epistemológico, este modelo deve ser rejeitado devido às suas conseqüências éticas.

A não aceitação comtiana de avaliação crítica da sua epistemologia, sugere que só é possível a avaliação de um modelo epistemológico a partir das suas conseqüências éticas, se for aceito o pressuposto da racionalidade crítica de que todo enunciado é

sujeito a avaliação crítica e à revisão. Caso não seja aceito este pressuposto, é necessária a discussão, no sentido de mostrar que os enunciados epistemológicos em pauta não são tranquilos, e por isso, são sujeitos a revisão.

CONCLUSÃO

Passar-se-á aqui, a discutir algumas das críticas mais fecundas a este trabalho. A primeira possível objeção consiste em afirmar que no presente trabalho não é apresentada prova ou fragmento de prova onde Popper mostrasse que conseqüências eticamente inaceitáveis viessem a implicar na recusa de uma epistemologia. Apenas são apresentadas passagens onde tal recusa parece ocorrer nas condições citadas. Isto ocorre porque Popper não pretende mostrar que as possíveis conseqüências éticas indesejáveis são um dos critérios para recusa de modelos epistemológicos, mas sim, Popper indica a recusa da epistemologia marxista por suas conseqüências éticas. O mérito desse trabalho, se ele de fato existir, consiste em explicitar o método utilizado por Popper e o de mostrar em quais condições é possível recusar um modelo epistemológico por suas possíveis conseqüências éticas. Ao resgatar os argumentos de Popper contra o marxismo se pretende explicitar algo que estaria implicado na estrutura da argumentação popperiana, examinando as relações entre epistemologia e ética ali presentes.

Outra crítica consiste em afirmar que o ponto central deste trabalho implica um privilégio das teorias éticas na avaliação dos modelos epistemológicos, o que seria inaceitável. Contudo o presente trabalho não pretende se constituir em um manual de como avaliar um modelo epistemológico, mas ele se propõe a sugerir que as possíveis conseqüências éticas sejam levadas em consideração na avaliação de modelos epistemológicos.

Uma outra possível crítica ao presente trabalho parte da constatação de na seção "Epistemologia e Profecia" se mostrar que a epistemologia marxista é problemática. O crítico atento pergunta:

se ao avaliar um modelo epistemológico perceber que ele não é problemático, então a argumentação ética não perde sua força? Na seção "Idéia de uma História de um Ponto de Vista Liberal" se discute esta questão. Na citada seção, se propõe que um modelo epistemológico que apresente conseqüências éticas indesejáveis deve ser no mínimo reformulado. Da forma como são vistas neste trabalho, Epistemologia e ética correspondem a duas perspectivas diferenciadas que podem ser recusadas por razões epistemológicas ou por razões éticas. Porém, Ética e Epistemologia são perspectivas que se inter-relacionam na medida em que determinadas teorias Éticas podem ser recusadas por razões Epistemológicas (por exemplo, teorias morais que apresentam deficiências metodológicas, desrespeito às regras metodológicas aceitas, inconsistências, etc.) e teorias Epistemológicas podem ser recusadas por razões éticas (por exemplo, determinadas concepções de racionalidade que resultam em autoritarismo, certas interpretações sobre a natureza do conhecimento racional que implicam em violência, etc.)

Portanto, neste trabalho não se está pleiteando a superioridade da Ética sobre a Epistemologia, de uma forma geral, o que se argumenta é que na crítica de Popper contra o marxismo, aquele parece proferir determinados valores morais (como a condenação da violência) e em decorrência disto recusa o marxismo e sua epistemologia. Um leitor que aceitasse a violência e não entendesse que o historicismo é insustentável certamente chegaria a conclusões diferentes daquela que Popper propõe, quando crítica o marxismo.

Uma outra objeção de um crítico severo poderia se basear na interpretação de que o conjunto dos enunciados da epistemologia são declarativos, e que os enunciados da ética são normativos. Isto posto, a passagem dos enunciados da epistemologia para enunciados da ética implicaria na recusa da tese humana clássica de que proposições normativas não podem ser deduzidas de enunciados puramente declarativos. Esta crítica parte do pressuposto que os enunciados da epistemologia são declarativos, e deixa em aberto apenas a discussão se os enunciados da ética são declarativos ou normativos. No contexto da obra de Popper, a

afirmação de que os enunciados da epistemologia são declarativos não é tranqüila, mas extremamente problemática. Na seção "Racionalidade e Ética", deste trabalho, a posição de Popper é reconstruída no sentido de mostrar que para ele, a aceitação de um enunciado em geral está condicionado à sua aceitação pela comunidade científica. Isto é, enquanto esta comunidade não considerar um enunciado problemático, ele é aceito. Popper radicaliza sua posição ao insinuar que essa aceitação consiste num ato de fé. Dessa maneira, no contexto da obra de Popper, pode-se afirmar que os enunciados da epistemologia são normativos.

Esse crítico poderia exemplificar a sua visão do problema citando a posição positivista, segundo a qual é vedada a priori a construção de uma ética apoiada sobre a metafísica. Na seção "Catecismo historicista de A. Comte", esta postura é questionada ao procurar mostrar ser infundada a pretensão Comtiana de que sua ética, por ser baseada na epistemologia positivista, é imune à crítica. Isto é, procurou-se na seção citada, mostrar a falta de fundamentação da concepção Comtiana de que os enunciados da epistemologia são imunes à crítica.

Uma decorrência dessa posição seria a tese de que as classes dos enunciados da epistemologia e da ciência são jogos diferentes daqueles da ética. Os primeiros são enunciados declarativos, os quais estão sujeitos a um juízo de verdade, isto é, são enunciados dependentes da avaliação de testes empíricos. Por sua vez os enunciados da ética, normativos, estão sujeitos a avaliação de sua bondade ou maldade, ou ainda, de sua adequabilidade ou inadequabilidade. Esta objeção se baseia na concepção de que os enunciados da epistemologia tem uma base empírica. Contudo ao se tomar o pensamento popperiano como referencial, esta proposição não procede. Popper em "A Lógica da Pesquisa Científica" afirma explicitamente:

"As regras metodológicas são aqui vistas como convenções, poderiam ser apresentadas como as regras do jogo da ciência empírica. Elas diferem das regras da lógica pura, como estas diferem as regras do xadrez, que poucos encarariam como parte da lógica pura."³⁶

Continuando a sua analogia entre as regras do jogo de xadrez e as regras metodológicas, Popper afirma:

"Assim como o xadrez pode ser definido em função de regras que lhe são próprias, a Ciência pode ser definida por meio de regras metodológicas. Cabe proceder ao estabelecimento dessas regras de maneira sistemática."³⁷

Criticando aos que defendem que os enunciados da epistemologia são descritivos, Popper afirma:

"Assim, rejeito a concepção naturalista. Ela não é crítica seus defensores não chegam a perceber que, sempre que julgam ter descoberto um fato, eles apenas propõem uma convenção"³⁸

Com esses argumentos, se afirma aqui que no pensamento popperiano é legítimo relacionar os enunciados da epistemologia com os da ética. Com essa demonstração não se está pretendendo encerrar a discussão da questão da possibilidade de relacionar enunciados da epistemologia com os da ética, mas sim, mostrar a solução no referencial popperiano.

Disto se conclui que a análise da posição de Popper sugere que as conseqüências éticas indesejáveis de um modelo epistemológico podem indicar que esse modelo deve ser recusado ou reformulado. Essa forma de entender o problema tem ainda a vantagem de que as próprias conseqüências indesejáveis de um modelo epistemológico permitem identificar quais os aspectos que devem receber reformulação.

Ao se estudar o problema da relação entre epistemologia e ética em Popper, se procura avançar no sentido de mostrar que a ética autoritária está associada a um determinado conjunto de teses epistemológicas. Procurou-se mostrar ainda, que as questões éticas contribuem para a avaliação de modelos epistemológicos das ciências de uma forma geral. Se o argumento deste trabalho for bom, ela terá posto a posição de que as implicações éticas também podem ser esclarecedoras nas discussões epistemológicas.

NOTAS

(1) O término do esboço básico de "A Miséria do Historicismo" remonta ao ano de 1935. Ver nota histórica in Karl Popper, "A Miséria do Historicismo", p.1.

(2) Id. ib., p. 2.

(3) No prefácio da segunda edição de "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos Popper ressaltá a importância dos padrões de liberdade e humanidade para a instauração de uma sociedade melhor: "Vejo agora, reais claramente do que nunca, que nossas maiores aflições nascem de algo que é tão/admirável e sadio quanto é perigoso: de nossa impaciência por melhorar a sorte do próximo. Tais aflições são sub-produtos do que é talvez a maior de todas as revoluções morais e espirituais da história,(...) É sua tentativa de edificar uma sociedade aberta, que rejeita a tradicional, ao mesmo tempo que tenta preservar, desenvolver e estabelecer tradições, velhas ou novas, que se meçam por seus padrões de liberdade, de humanidade e de crítica racional." Id, "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos." v. 1, p. 9.

(4) Id. "Previsão e Profecias nas Ciências Sociais" in "Conjecturas e Refutações, p. 358.

(5) Ver id. "A Miséria do Historicismo", pp. 31-33 e 89-101.

(6) Ver seção 2.3 deste trabalho.

(7) Id, "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos", v. 2, p. 239.

(8) Id, ib. v. 2 p. 239.

(9) Popper defende a posição de que a fundamentação do conhecimento é provisória, com os seguintes argumentos: "Isso não quer dizer que qualquer uma dessas coisas seja a base indispensável de todas as discussões, ou que elas sejam em si mesmas apriorísticas. (...) Quer dizer apenas que a crítica sempre tem um ponto de partida. Embora qualquer ponto de partida possa ser contestado no curso do debate crítico.

No entanto, embora todas as nossas premissas possam ser desafiadas, é impraticável contestá-las todas ao mesmo tempo. (...) Enquanto discutimos um problema sempre aceitamos todos os tipos de coisas como não problemáticas (ainda que temporariamente); no momento durante a discussão do problema em referência, elas constituem o que chamo de nosso conhecimento contextual."

Id. "Verdade, Racionalidade e a Expansão do conhecimento Científico, in Conjecturas e refutações p. 263-4.

(10) Id, ib. p. 264.

(11) Id, "As Origens do Conhecimento e da Ignorância" in "Conjecturas e Refutações" p. 58.

(12) Id. "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos, v. 1, pp. 187-217.

(13) Ver, Id. ib, v. 1 pp. 114-135.

(14) Ver, id, ib. v. 1. pp. 172-183.

(15) Ver, id, ib, v. 2, pp. 206-203.

(16) Ver id. ib, v.2, pp. 209-210.

(17) Ver a lista indicada por Popper como "O Tesouro Espiritual dos movimentos autoritários. in id, ib. v. 2 pp. 70-86.

(18) Ver id, ib. v. 2 pp. 15-25

- (19) Vázquez, "Filosofia da Práxis, p. 402.
- (20) Id. ib. p. 402.
- (21) Sobre esta vertente ver Marshal Berman. "Tudo que é Sólido Desmancha no Ar", principalmente o capítulo dedicado a Nova Iorque.
- (22) Ver Karl Popper, "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos". v. 1 pp- 174- 175.
- (23) Ver id. "A Miséria do Historicismo", pp. 89-99.
- (24) Kant, "Idéia de uma História de um Ponto de Vista Cosmopolita", p. 31 Os grifos são nosso.
- (25) Id, ib. 39-40.
- (26) Ver A. Comte, "Opúsculos de Filosofia Social, pp. 82, 114, 139. 144 e 143. Ver também, id, "Discurso Sobre o Espírito Positivo", p. 27.
- (27) Id, ib. p. 38.
- (28) Ver os texto de Comte sobre a Hierarquia das Ciências. id, ib. p. 120. "Opúsculos de Filosofia Social", p. 144. Sobre a unidade do método das Ciências Naturais, id. ib, p. 173- Apesar de o primeiro termo colocado por Comte na Hierarquia das Ciências ser a Matemática, ele não discute a sua importância, apenas afirma que a Matemática é a base (ou instrumento) de todas as Ciências Positivas, mas a Astronomia é colocada como modelo ou (base do Método Positivo).
- (29) Id. "Discurso Sobre o Espírito Positivo", pp. 67-68.
- (30) Ver id, "Opúsculos de Filosofia Social, p. 146 e "Discurso Sobre o Espírito Positivo, p. 17.
- (31) Ver Id, "Opúsculos de Filosofia Social, pp. 82, 114, 139,148.
- (32) Ver a Crítica popperiana aos erros de interpretação positivista in "A Miséria do Historicismo", p. 88.
- (33) Ver Comte "Discurso Sobre o Espírito Positivo", p.38 e "Opúsculos de Filosofia Social, pp. 86-87.
- (34) Ver a crítica popperiana ao Positivismo Moral, in Popper, "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos", v. 2 pp. 47-56.
- (35) Ver A. Comte, "Catecismo Positivista", p. 215.
- (36) Karl Popper, "A Lógica da Pesquisa Científica, p. 55.
- (37) Id, ib. p. 56.
- (38) Id, ib. p. 55.

BIBLIOGRAFIA

- BERMAN, Marshal, **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A aventura da Modernidade**. S. Paulo, Cia. de Letras, 1986.
- COMTE, Augusto. **Catecismo Positivista**. São Paulo, Nova Cultural, (coleção os Pensadores) 1988.
- _____. **Discurso Sobre o Espírito Positivo; Ordem e Progresso**. Porto Alegre, Globo, S. Paulo, Edusp, 1975.

- _____. **Opúsculos de Filosofia Social: 1819-1828.** P. Alegre, Globo, S. Paulo, Edusp, 1972.
- FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão**, in Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1974. v. 21 p. 15-71.
- _____. **O Mal Estar na Civilização**, in Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v. 21. pp. 75-171.
- POPPER, Karl R. **Conjecturas e Refutações**, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1982.
- _____. **A Lógica da Pesquisa Científica.** S. Paulo, Cúltrix, 1982.
- _____. **A Miséria do Historicismo.** 2ª ed. S. Paulo, Cúltrix, 1982.
- _____. **A Sociedade Aberta e Seus Inimigos.** B. Horizonte, Itatiaia, S. Paulo, Edusp, 1987. (2v.)
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Praxis** .2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977,